

Carlos Drummond de Andrade



São flores ou são nalgas

São flores ou são nalgas
estas flores
de lascivo arabesco?
São nalgas ou são flores
estas nalgas
de vegetal doçura e macieza?

Bundamel Bundalis Bundacor Bundamor

Bundamel Bundalis Bundacor Bundamor
bundalei bundalor bundanil bundapão
bunda de mil versões, pluribunda unibunda
bunda em flor, bunda em al
bunda lunar e sol
bundarrabil

Bunda maga e plural, bunda além do irreal
arquibunda selada em pauta de hermetismo
opalescente bun
incandescente bun
meigo favo escondido em tufos tenebrosos
a que não chega o enxofre da lascívia
e onde
a global palidez de zonas hiperbóreas
concentra a música incessante
do girabundo cósmico.
Bundaril bundilim bunda mais do que bunda
bunda mutante/renovante
que ao número acrescenta uma nova harmonia.
Vai seguindo e cantando e envolvendo de espasmo
o arco de triunfo, a ponte de suspiros
a torre de suicídio, a morte do Arpoador
bunditálix, bundífoda
bundamor bundamor bundamor bundamor.

Mulher andando nua pela casa

Mulher andando nua pela casa

Envolve a gente de tamanha paz.
Não é nudez datada, provocante.
É um andar vestida d nudez,
Inocência de irmã e copo d'água.
O corpo nem sequer é percebido
pelo ritmo que o leva.
Transmitam curvas em estado de pureza,
dando este nome à vida: castidade.
Pêlos que fascinavam não perturbam.
Seios, nádegas (tácito armistício)
Repousam de guerra. Também eu repouso.

Mimosa boca errante

Mimosa boca errante
à superfície até achar o ponto
em que te apraz colher o fruto em fogo
que não será comido mas fruído
até se lhe esgotar o sumo cáldo
e ele deixar-te, ou o deixares, flácido,
mas rorejando a baba de delícias
que fruto e boca se permitem, dádiva.

Boca mimosa e sábia,
impaciente de sugar e clausurar
inteiro, em ti, o talo rígido
mas varado de gozo ao confinar-se
no limitado espaço que ofereces
a seu volume e jato apaixonados,
como podes tornar-te, assim aberta,
recurvo céu infindo e sepultura?

Mimosa boca e santa,
que devagar vais desfolhando a líquida
espuma do prazer em rito mudo,
lenta-lembente-lambilusamente
ligada à forma ereta qual se fossem
a boca o próprio fruto, e o fruto a boca,
oh chega, chega, chega de beber-me,
de matar-te, e, na morte, de viver-me.
Já sei a eternidade: é puro orgasmo.

A língua francesa

A língua francesa
desvenda o que resta

(a fina agudeza)
da noite em floresta.
Mas sem esquecer,
num lance caprídeo,
de ler e tresler
a arte de Ovídio.

A outra porta do prazer

A outra porta do prazer,
porta a que se bate suavemente,
seu convite é um prazer ferido a fogo
e, com isso, muito mais prazer.
Amor não é completo se não sabe
coisas que só amor pode inventar.
Procura o estreio átrio do cubículo
aonde não chega a luz, e chega o ardor
de insofrida, mordente
fome de conhecimento pelo gozo.

Sugar e ser sugado pelo amor

Sugar e ser sugado pelo amor
no mesmo instante boca milvalente
o corpo dois em um gozo pleno
que não pertence a mim nem te pertence
um gozo de fusão difusa transfusão
o lambar o chupar o ser chupado
no mesmo espasmo
é tudo boca boca boca boca
sessenta e nove vezes boquilíngua.

A carne triste depois da felação.

A carne é triste depois da felação.
Depois do sessenta-e-nove a carne é triste.
É areia, o prazer? Não há mais nada
após esse tremor? Só esperar
outra convulsão, outro prazer
tão fundo na aparência mas tão raso
na eletricidade do minuto?
Já se dilui o orgasmo na lembrança
e gosma

escorre lentamente de tua vida.

Quando desejas outros que falam

Quando desejos outros é que falam
e o rigor do apetite mais se aguça,
despetalam-se as pétalas do ânus
à lenta introdução do membro longo.
Ele avança, recua, e a via estreita
vai transformando em dúcida paragem.
Mulher, dupla mulher, há no teu âmago
Ocultas melodias ovidianas.

tu, sublime puta encanecida

Ó tu, sublime puta encanecida,
que me negas favores dispensados
em rubros tempos, quando nossa vida
eram vagina e fálus entrançados,

agora que estás velha e teus pecados
no rosto se revelam, de saída,
agora te recolhes aos selados
desertos da virtude carcomida.

E eu queria tão pouco desses peitos,
da garupa e da bunda que sorria
em alva aparição no canto escuro

Queria teus encantos já desfeitos
re-sentir ao império do mais puro
tesão, e da mais breve fantasia.

Esta Faca

"Esta faca
foi roubada no Savóia"

"Esta colher
foi roubada no Savóia"

"Este garfo..."

Nada foi roubado no Savóia.

Nem tua virgindade: restou quase perfeita
entre manchas de vinho (era vinho?) na toalha,
talvez no chão, talvez no teu vestido.

O reservado de paredes finas
Forradas de ouvidos
e de línguas
era antes prisão que mal cabia
um desejo, dois corpos.

O amor falava baixo. Os gestos
falavam baixo. Falavam baixíssimo
os copos, os talheres. Tua pele
entre cristais luzia branca.

A penugem rala
na gruta rósea
era quase silêncio.
Saíamos alucinados.

No Savóia nada foi roubada.

Eu sofria quando ela me dizia

Eu sofria quando ela me dizia: "Que tem a ver com as calças, meu querido?"

Vitória, Imperatriz, reinava sobre os costumes do mundo anestesiado e havia palavras impublicáveis.

As cópulas se desenrolavam - baixinho - no escuro da mata do quarto fechado.

A mulher era muda no orgasmo. "Que tem a ver..." Como podem lábios donzelos mover-se, desdenhosos, para emitir com tamanha naturalidade o asqueroso maravilhoso? A tal ponto que, abrindo-se, pareciam tomar a forma arredondada de um ânus.

A noite era mal dormida. A amada vestida de fezes puxava-me, eu fugia, mãos de trampa escorregante acarinhavam-me o rosto. O pesadelo fedia-me no peito.

O nojo do substantivo - foi há trint'anos -
ao sol de hoje se derrete. Nádegas aparecem em anúncios, ruas, ônibus, tevês.

O corpo soltou-se. A luz do dia saúda-o,
nudez conquistada, proclamada.

Estuda-se nova geografia.

Canais implícitos, adianta nomeá-los? Esperam o beijo do consumidor-amante, língua e membro exploradores.

E a língua vai osculando a castanha clitórida,
a penumbra retal.

A amada quer expressamente falar e gozar
gozar e falar
vocábulo antes proibidos

e a volúpia do vocábulo emoldura a sagrada volúpia.
Assim o amor ganha o impacto dos fonemas certos
no momento certo, entre uivos e gritos litúrgicos,
quando a língua é falo, e verbo a vulva,
e as aberturas do corpo, abismos lexicais onde se restaura
a fae intemporal de Eros,
na exaltação de erecta divindade
em seus templos cavernames de desde o começo das eras
quando cinza e vergonha ainda não haviam corroído a inocência de viver.

meia-noite, pelo telefone

À meia-noite, pelo telefone,
conta-me que é fulva a mata do seu púbis.
Outras notícias
do corpo não quer dar, nem de seus gostos.
Fecha-se em copas:
"Se você não vem depressa até aqui
nem eu posso correr à sua casa,
que seria de mim até o amanhecer?"
Concordo, calo-me.

No pequeno museu sentimental

No pequeno museu sentimental
os fios de cabelo religados
por laços mínimos de fita
são tudo que dos montes hoje resta.
Visitados por mim, montes de Vênus.

Apalpo, acaricio a flora negra,
e negra continua, nesse branco
total do tempo extinto
em que eu, pastor felante, apascentava
caracóis perfumados, anéis negros,
cobrinhas passionais, junto do espelho
que com elas rimava, num clarão.

Os movimentos vivos no pretérito
enroscam-se nos fios que me falam
de perdidos arquejos renascentes
em beijos que da boca deslizavam
para o abismo de flores e resinas.

Vou beijando a memória desses beijos

Oh minha senhora minha senhora

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se incomode senhora minha não faça isso eu lhe peço eu lhe suplico por Deus nosso redentor minha senhora não dê importância a um simples mortal vagabundo como eu que nem mereço a glória de quanto mais de... não não não minha senhora não me desabotoe a braguilha não precisa também se despir o que é isso é verdadeiramente fora de normas e eu não estou absolutamente preparado para semelhante emoção ou comoção sei lá minha senhora nem sei mais o que digo eu disse alguma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlego sem saliva para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh... esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos essas nád... tanta nudez me deixa naufragado me mata me pulveriza louvado bendito seja Deus é o fim do mundo desabando no meu fim eu eu

...

Era bom alisar seu traseiro marmóreo

Era bom alisar seu traseiro marmóreo
e nele soletrar meu destino completo:
paixão, volúpia, dor, vida e morte beijando-se
em alvos esponsais numa curva infinita.

Era amargo sentir em seu frio traseiro
a cor de outro final, a esférica renúncia
a toda aspiração de amá-la de outra forma.
Só a bunda existia, o resto era miragem.

De arredio motel em colcha de damasco

De arredio motel em colcha de damasco
viste em mim teu pai morto, e brincamos de incesto.

A morte, entre nós dois, tinha parte no coito.
O brinco era violento, misto de gozo e asco,
e nunca mais, depois, nos fitamos no rosto.

Você meu mundo meu relógio de não marcar horas

Você meu mundo meu relógio de não marcar horas; de esquecer-las. Você
meu andar meu ar meu comer meu descomer. Minha paz de espadas
acesas. Meu sono festival meu acordar entre girândolas. Meu banho
quente morno frio quente pelando. Minha pele total. Minhas unhas afiadas
aceradas acidulas. Meu sabor de veneno. Minhas cartas marcadas que se
desmarcam e voam. Meu suplício. Minha mansa onça pintada pulando.
Minha saliva minha língua passeadeira possessiva meu esfregar de barriga
em barriga. Meu perder-me entre pêlos algas águas ardências. Meu pênis

submerso. Túnel cova cova cova cada vez mais funda estreita mais mais.
Meu gemidos gritos uivos guais guinchos miados ofegos ah oh ai ui nhem
ahah minha evaporação meu suicídio gozoso glorioso.

Tenho saudades de uma dama

Tenho saudades de uma dama
como jamais houve na cama
outra igual, e mais terra amante.
Não era sequer provocante.
Provocada, como reagia!
São palavras só: quente, fria.
No banheiro nos enroscávamos.
Eram flamas no preto favo,
um guaiar, um matar-morrer.
Tenho saudades de uma dama
que me passeava na medula
e atomizava os pés da cama.

O que o Bairro Peixoto

O que o Bairro Peixoto

Sabe de nós, e esqueceu!

Rua Anita Garibaldi
e Rua Siqueira Campos.

(Francisco Braga,

Décio Vilarés

nos espiando,

fingem que não?)

O calçadão na penumbra

andança que vai e volta

voltivai

a derivar para o túnel

em busca do hímen?

Volta:

banco de praça. Bambus.

Bambuzal de brisa em ais.

O bardo e a garota amavam-se

nas guerras da Dependência.

Seria brinco de amor

ou era somente brinco.

5 de Julho (fronteira

do reino escuro) à face

de casas desprevenidas

jogávamos nos jardins

e nas caixas de correio

volumes indesculpáveis
de alheias dedicatórias
pedacinhos.

Se salta o cachorro? Credo.
Saltam quinhentos mastins.

Ganem a traça
de amor sem regulamento.
Prende mata esfolada queima.

Viu? É dentro de mim, é dentro
do bardo que estão ganindo.

Bobeira de bobo besta.

Passa de nove mil horas,
urge voltar ao sacrário
de virgem.

Só mais um tiquinho. Não.
Sou eu, rei sábio, que ordeno.

Ri. Rimos de mim. Ficamos

Dedos entrelaçados
e desejos geminados
no parque tão pueril.

Praça Edmundo, olá,
Bittencourt de berros brabos.
Se acaso nos visse aos beijos
babados, reincidentes,

protestava no jornal?
Menina mais sem juízo
rindo riso sem motivo
no jogo de diminutivos,
sabe o que estamos fazendo?

Amor.

Não é nada disso. Apenas
primícias cálidas. Calo-me.
Viajar nos seios. Embaixo.

Por trás.

Se vou mais longe, quem vai

Me segurar?

Se fico por aqui mesmo,

quem vem

me resserenar?

Passo vinte vinte anos depois

no mesmo Bairro Peixoto.

Ele que a tudo assistia,
nada lembra, no sol posto,
deste episódio canhoto.

Para o sexo a expirar, eu me volto, expirante.
Raiz de minha vida, em ti me enredo e afundo.
Amor, amor, amor - o braseiro radiante
que me dá pelo orgasmo, a explicação do mundo.
Pobre carne sentil, vibrando insastifeita,
a minha se rebela ante a morte anunciada.
Quero sempre invadir essa vereda estreita
onde o gozo maior me propicia a amada.
Amanhã, nunca mais. Hoje mesmo, quem sabe?
enregela-se o nervo, esvai-se-me o prazer
antes que, deliciosa, a exploração acabe.
Pois que o espasmo coroe o instante do meu termo,
e assim possa eu partir, em plenitude o ser,
de sêmen aljofrando o irreparável ermo.

As mulheres gulosas

As mulheres gulosas
que chupam picolé
- diz um sábio que sabe -
são mulheres carentes

e o chupam lentamente
qual se vara chupassem,
e ao chupá-lo já sabem
que presto se desfaz
na falácia do gozo
o picolé fuginte
como se esfaz na mente
o imaginário pênis.

A moça mostrava a coxa

A moça mostrava a coxa
a moça mostrava a nádega,
só não me mostrava aquilo
- concha, berilo, esmeralda -
que se entreabre, quatrifólio,
e encerra o gozo mais lauto,
aquela zona hiperbórea,
misto de mel e de asfalto,
porta hermética nos gonzo

de zonzos sentidos presos,
ara sem sangue de ofícios,
a moça não me mostrava.

E torturando-me, e virgem

no desvairado recato

que sucedia de chofre

à visão dos seios claros,

sua pulcra rosa preta

como que se enovelava,

crespa, intata, inacessível,

abre-que-fecha-que-foge,

e a fêmea, rindo, negava

o que eu tanto lhe pedia,

o que devia ser dado

e mais que dado, comido.

Ai, que a moça me matava

tornando-me assim a vida

esperança consumida.

no que, sombrio, faiscava.

Roçava-lhe a perna. Os dedos

descobriam-lhe segredos

lentos, curvos, animais,

porém o máximo arcano,

o todo esquivo, noturno,

a tríplice chave de urna,
essa a louca sonegava,
não me daria nem nada.
Antes nunca me acenasse.
Viver não tinha propósito,
andar perdera o sentido,
o tempo não desatava
nem vinha a morte render-me
ao luzir da estrela-d'alva,
que nessa hora já primeira,
violento, subia o enjôo
de fera presa no Zôo.
Como lhe sabia a pele,
em seu côncavo e convexo,
em seu poro, em seu dourado
pêlo de ventre mas sexo
era segredo de Estado.
Como a carne lhe sabia
a campo frio, orvalhado,
onde uma cobra desperta
vai traçando seu desenho
num frêmito, lado a lado!
mas que perfume teria
a gruta invisível? Que visgo,

que estreitura, que doçume,
que linha prítina, pura,
me chamava, me fugia??
Tudo a bela me ofertava,
e que eu beijasse ou mordesse,
fizesse sangue: fazia.
Mas seu púbis recusava.
Na noite acesa, no dia,
sua coxa se cerrava.
Na praia, na ventania,
quanto mais eu insistia,
sua coxa se apertava.
Na mais erma hospedaria
fechada por dentro a aldrava,
sua coxa se selava,
se encerrava, se salvava,
e quem disse que eu podia
fazer dela minha escrava?
De tanto esperar, porfia
sem vislumbre de vitória,
já seu corpo se delia,
já se empana sua glória,
já sou diverso daquele
que por dentro se rasgava,

e não sei agora ao certo
se minha sede mais brava
era nela que pousava.
Outras fontes, outras fomes,
outros flancos: vasto mundo,
e o esquecimento no fundo.
Talvez que a moça hoje em dia...
Talvez. O certo é que nunca.
E se tanto se furtara
com tais fugas e arabescos
e tão surda teimosia,
por que hoje se abriria?
Por que viria ofertar-me
quando a noite já vai fria,
sua nívea rosa preta
nunca por mim visitada,
inacessível naveta?
Ou nem teria naveta...

O que se passa na cama

(O que se passa na cama

é segredo de quem ama.)

É segredo de quem ama
não conhecer pela rama
gozo que seja profundo,
elaborado na terra
e tão fora deste mundo
que o corpo, encontrado o corpo
e por ele navegando,
atinge a paz de outro horto,
noutro mundo: paz de morto,
nirvana, sono do pênis
Ai, cama, canção de cuna,
dorme, menina, nanana
dorme a onça suçuarana,
dorme a cândida vagina,
dorme a última sirena
ou a penúltima... O pênis
dorme, puma, americana
fera exausta. Dorme, fulva
grinalda de tua vulva.
E silenciem os que amam,
entre lençol e cortina
ainda úmidos de sêmen,

estes segredos de cama.

Era manhã de setembro

Era manhã de setembro

e

ela me beijava o membro

Aviões e nuvens passavam

coros negros rebramiam

ela me beijava o membro

O meu tempo de menino

o meu tempo ainda futuro

cruzados floriavam junto

Ela me beijava o membro

Um passarinho cantava,

bem dentro da árvore, dentro

da terra, de mim, da morte

Morte e primavera em rama

disputavam-se a água clara

água que dobrava a sede

Ela me beijava o membro

Tudo que eu tivera sido

quanto me fora defeso
já não formava sentido
Somente a rosa crispada
o talo ardente, uma flama
aquele êxtase na grama
Ela me beijava o membro
Dos beijos era o mais casto
na pureza despojada
que é própria das coisas dadas
Nem era preito de escrava
enrodilhada na sombra
mas presente de rainha
tornando-se coisa minha
circulando-me no sangue
e doce e lento e erradio
como beijara uma santa
no mais divino transporte
e num solente arrepio
beijava beijava o membro
Pensando nos outros homens
eu tinha pena de todos
aprisionados no mundo
Meu império se estendia
por toda a praia deserta

e a cada sentido alerta
Ela me beijava o membro
O capítulo do ser
o mistério de existir
o desencontro de amar
eram tudo ondas caladas
morrendo num cais longínquo
e uma cidade se erguia
radiante de pedreiras
e de ódios apaziguados
e o espasmo vinha na brisa
para consigo furtar-me
se antes não me desfolhava
como um cabelo se alisa
e me tornava disperso
todo em círculos concêntricos
na fumaça do universo
Beijava o membro
beijava
e se morria beijando
a renascer em setembro

Amor - pois que é palavra essencial
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia,
reúne alma e desejo, membro e vulva.
Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?
O corpo noutro corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.
Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?
Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.
Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes

que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte
que, além de nós, além da própria vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a idéia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o clímax:
é quando o amor morre de amor, divino.
Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

Adieu, camisa de Nuno

Pobre camisa, chora...

Eugênio de Castro, "A Camisa de Xanto"

Adeus, camisa de Xanto!

Adeus, camisa de Vênus!

O sêmen fugiu. Nem pranto
nem riso. Estamos serenos.

Baixou a noite seu manto
sobre a cansada virilha.

(Sexo e noite formam ilha.)

Adeus, camisa de Vênus,
adeus, camisa de Xanto!

Já gozamos. Já morremos.

E o tempo masca, em seu canto,

A garupa da novilha.

Que graça mais andarilha
tinhas na cama. Eram fenos
roçados num acalento.

Era a fava de baunilha
que se abria num momento
e que se cerrava: trilha
do demônio ao lugar santo.

Era um desmaio na orilha

da praia de gozo e espanto.

Adeus, camisa de Xanto,
renda de calça, presilha.

Adeus, peiticos morenos,
e o q que brilhava e não brilha
no mais úmido recanto.

Adeus, camisa de Vênus,
amargo caucho, pastilha,
que de tudo nem ao menos
(seria tão bom, no entanto)
ficou um filho, uma filha.

Adeus, camisa de Xanto!

A língua girava no céu da boca

A língua girava no céu da boca. Girava! Eram
duas bocas, no céu único.

O sexo desprendera-se de sua fundação, errante
imprimia-nos seus traços de cobre. Eu, ela, elaeu.

Os dois nos movíamos possuídos, trespassados,
eleu. A posse não resultava de ação e doação, nem nos
somava. Consumia-nos em piscina de aniquilamento.

Soltos, fálus e vulva no espaço cristalino, vulva e fálus
em fogo, em núpcia, emancipados de nós.
A custo nosso corpos, içados do gelatinoso jazigo,
se restituíram à consciência. O sexo reintegrou-se.
A vida repontou: a vida menor.

O chão é cama

O chão é cama para o amor urgente,
amor que não espera ir para a cama.
Sobre tapete ou duro piso, a gente
compõe de corpo e corpo a úmida trama.
E para repousar do amor, vamos à cama.

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas

Em teu crespo jardim, anêmonas castanhas
Detêm a mão ansiosa: Devagar.
Cada pétala ou sépala seja lentamente

acariciada, céu; e a vista pouse,
beijo abstrato, antes do beijo ritual,
na flora pubescente, amor; e tudo é sagrado.

NP o quero ser o último a comer-te

Não quero ser o último a comer-te.
Se em tempo não ousei, agora é tarde.
Nem sopra a flama antiga nem beber-te
aplacaria sede que não arde

em minha boca seca de querer-te,
de desejar-te tanto e sem alarde,
fome que não sofria padecer-te
assim pasto de tantos, e eu covarde

a esperar que limpasse toda a gala
que por teu corpo e alma ainda resvala,
e chegasses, intata, renascida,

para travar comigo a luta extrema
que fizesse de toda a nossa vida
um chamejante, universal poema.

No mármore de tua bunda

No mármore de tua bunda gravei o meu epitáfio.

Agora que nos separamos, minha morte já não me pertence.

Tu a levaste contigo.

No corpo feminino, esse retiro

No corpo feminino, esse retiro

- a doce bunda - é ainda o que prefiro.

A ela, meu mais íntimo suspiro,

pois tanto mais a apalpo quanto a miro.

Que tanto mais a quero, se me firo

em unhas protestantes, e respiro

a brisa dos planetas, no seu giro

lento, violento... Então, se ponho e tiro

a mão em concha - a mão, sábio papiro,

iluminando o gozo, qual lampiro,

ou se, dessedentado, já me estiro

me penso, me restauro, me confiro,

o sentimento da morte eis que adquiro:
de rola, a bunda torna-se vampiro.

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça
de magnificar meu membro.

Sem que eu esperasse, ficaste de joelhos
em posição devota.

O que passou não é passado morto.

Para sempre e um dia

o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.

Hoje não estás nem aí onde estarás,
na total impossibilidade de gesto ou comunicação.

Não te vejo não te escuro não te aperto

Mas tua boca está presente, adorando.

Adorando.

Nunca pensei ter entre as coxas um deus.

Sob o chuveiro amar

Sob o chuveiro amar, sabão e beijos,
ou na banheira amar, de água vestidos,
amor escorregante, foge, prende-se,
torna a fugir, água nos olhos, bocas,
dança, navegação, mergulha, chuva,
essa espuma nos ventres, a brancura
triangular do sexo - é água, esperma.
é amor se esvaindo, ou nos tornamos fonte?

A bunda, que engraçada

A bunda, que engraçada
Está sempre sorrindo, nunca é trágica.
Não lhe importa o que vai
Pela frente do corpo. A bunda basta-se.
Existe algo mais? Talvez os seios.
Ora - murmura a bunda - esses garotos
Ainda lhes falta muito que estudar.
A bunda são duas luas gêmeas
Em rotundo meneio. Anda por si
Na cadência mimosa, no milagre
De ser duas em uma, plenamente.

A bunda de diverte
Por conta própria. E ama.
Na cama agita-se. Montanhas
avolumam-se, descem. Ondas batendo
numa praia infinita.
Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz
Na carícia de ser e balançar.
Esferas harmoniosas sobre o caos.
A bunda é a bunda,
redunda.

Coxas bundas coxas

Coxas bundas coxas
bundas coxas bundas
lábios línguas unhas
cheiros vulvas céus
terrestres
infernais
no espaço ardente de uma hora
intervalada em muitos meses
de abstinência e depressão.

